

Suturas de amor

Priscilinha entra na sala, de manhã cedo, e tem uma surpresa: o papai está de volta! Se é assim, foi porque ele degolou muita gente lá em sua clínica, pensa a pequena, levando a mãozinha ao peito – ou então a mamãe não estaria tomando café junto com ele. Sobre o fogão, ela vê uma pochete feia, meio suja de sangue, bem maior do que a da sua Barbie. O médico abraça a filha, enquanto toda a atenção de Priscilinha recai sobre a pochete: será que papai trouxe uma cabeça ali dentro?

Embora tivesse rompido o casamento com Samuel, há poucos dias, Paula não se

opôs à presença dele, ontem, ao final da noite, na cobertura em que viveram por muitos anos, mesmo que notasse um objeto estranho em sua mão. O convívio harmonioso até a semana passada, bem como o jeito calmo de Samuel, a certificavam de que ele era incapaz de lhe produzir um arranhão. Por isso, permaneceu calada, fingindo olhar a tevê. Decerto fora buscar seus livros, vinhos, moletons – que ela havia amontoado na poltrona. Foi então que Paula recebeu um jato de aerosol no rosto.

Para Samuel, não foi difícil sedar a esposa. Complicado foi carregar seu corpo até a mureta que rodeia a cobertura e, antes, levar no colo a filhinha de sete anos até o quarto sem poder acordá-la. Quase impossível foi suturar a mão direita de Paula à sua própria mão esquerda, de modo a ficarem espalmadas uma na outra. Ele sentou-se no muro, a vinte andares do mar barulhento, com a cabeça dela em seu colo. A mão que o cosia à mulher também dosava o spray na respiração de Paula. Enquanto não gastasse o tubo de sedativo, ela seria diferente da louca que, há poucos dias, com gritos diabólicos, acendeu o refrão no mar:

“Nunca mais... nunca mais... nunca mais...”

Era madrugada quando ela acordou com náuseas, sangue duro escorrido pelo braço, sua mão fundida noutra palma fria, a aliança de volta ao anular da esquerda. Não escutava bem o que ele repetia baixinho, em ritmo de oração, olhos fixos na distância do oceano. Um movimento que desviasse Samuel de seu transe e despencariam. Paula tratou de fingir, mesmo que a inflamação na mucosa das narinas lhe provocasse ca-

lafrios. Dormiu de novo e acordou sem que o homem parasse de dizer, no embalo do mar, que ela era dele:

“Para sempre... sempre... sempre... sempre...”

Pouco antes do amanhecer, Samuel perguntou-lhe se podiam tomar o café na copa, como de costume, feito dois civilizados, pois tinha uma novidade.

Que ele cortasse o fio, então!

Samuel se estendeu para remexer na pochete. Falseou o joelho em cima da murada. Tremia demais, tentava não olhar para baixo. Desistiu. Era preciso que Paula apanhasse o estilete.

“Nunca mais... nunca mais... nunca mais...”, retumbava no peito da mulher. Uma estocada – que, por pouco, não atingiu o olho de Samuel – era o café que tinha para lhe servir a nova Paula, a mesma a intentar um corte no pescoço dele. Em vão. Era difícil vencê-lo. Samuel esquivava-se, deitado na mureta. Ela queria furar seu coração, outra vez ele escapou, o estilete atingiu a pedra, ela vinha noutra tentativa, mas foi só o muro o que Paula conseguiu acertar. Tentou cravá-lo na cabeça, não deu, foi de novo, errou, Samuel era um cachorro impossível de ser pego, ela tentou o abdômen, falhou, ia serrá-lo no pulso crendo que mal nenhum faria se ele caísse lá embaixo. Seria troféu digno a mão dele, seca, pendendo na sua. Paula investiu com fúria para decepar o osso do músculo, a junta do tendão, sua garganta estava pronta para soltar o grito da vitória, contido havia uma semana, mas, ao falhar na ação, foi obrigada a engoli-lo outra vez. Conseguiu, porém, cuspir na boca dele,

com a saliva mais suja que arranjou, sentindo a delícia que era escarnecer de alguém que se julgava o máximo: “Romper nós, romper-nos!”. Samuel mandou um soco que morreu no ar, mas acertou outro no queixo de Paula, e um terceiro, duro, que ela tomou no ouvido. Ainda sobre a murada, ela tentou catar da pochete outro metal de enfermaria. Mesmo cambaleando no peitoral, ele ainda pôde erguer a mulher no ar, já com o bisturi na outra mão. Paula foi tocar-se na altura do pulso, mal podia crer, estava solta; desmaiou. Seus olhos turvos não resistiram a tempo de ver se a própria mão direita ficou no lugar. Sequer conseguiu virar-se para ver se o seu amor, o grande amor de sua vida, Samuel, não caiu lá embaixo.

50

“Nunca mais... nunca mais... nunca mais...”

A menina pede ao papai para abrir ligeiro a pochete. Ele retrai-se, mas, diante do pavor da pequena, cede. “Viu só, não há cabeça alguma aí dentro!”. Algumas manchas de sangue ela enxerga, sim, e há uma tesoura, linha, e a coisa de nome ruim: bisturi. A mamãe, então, fala que irão morar noutra praia, papai está vendendo o consultório. Os dois até se abraçam de novo! O coração da menina bate feliz, mas, de repente, ao notar muito esparadrapo na mão do papai e um curativo gigante na mão da mamãe, uma coisa parecida com pimenta faz arder seu peito de criança. Priscilha corre, sobe à cobertura, dobrando em direção à lavanderia. Ufa! Que sorte não ver pedaço de ninguém ali. Esses dias, a mamãe deu um tiro na parede, depois apontou o revólver

para o papai, dizendo que ele até podia entregar-lhe num balde a cabeça de uma lá da clínica, mas, com ela, vida a dois, nunca mais!

“Para sempre... sempre... sempre... sempre...”